



A construção midiática da biografia na era Vargas: Vital Brazil na Rádio Nacional

Claudio Bertolli Filho()*

A rememoração das “vidas ilustres” tem sido uma constante na história e, desde a modernidade clássica, os cultores da ciência têm se mostrado mais sensíveis a esta tradição, utilizando a novidade representada pela imprensa para discorrer sobre trajetórias individuais de entes destacados da comunidade científica. Na Inglaterra de meados do século XVII, a série *Philosophical Transactions* empregava parte de suas páginas para registrar dados biográficos de sábios europeus e, dois séculos depois, com o surgimento dos jornais diários de significativas tiragens, o “grande público” passou a ser informado sobre os novos conceitos que estavam sendo forjados nos laboratórios, sobre os parâmetros considerados adequados para o regramento positivo dos hábitos individuais e comportamentos coletivos e também sobre as trajetórias de vidas de cientistas, os quais deveriam servir de modelo inspirador aos leitores (Burkett, 1990; Kriehbaum, 1970).

Espelhando a tendência internacional, especialmente desde o período imperial, os intelectuais brasileiros revelaram-se pródigos elaboradores de biografias de seus pares, utilizando jornais e periód-

* Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru.

dicos para divulgar momentos das vidas de um seleto grupo de pesquisadores. Nesse processo, deu-se a aproximação crescente entre os especialistas nas áreas da ciência e os meios de comunicação, não sendo estranho que, já no século XX, houvesse sido uma agremiação de estudiosos, a Associação Brasileira de Ciência (ABC) que se encarregasse de criar a primeira emissora de rádio do país. Sob a liderança do médico e diretor da ABC, Edgard Roquette-Pinto, em 7 de setembro de 1923 entrou no ar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a qual tinha como meta instruir os ouvintes através de palestras, cursos que abordavam os princípios básicos das diferentes áreas do saber e também a exortação dos traços biográficos de destacados cientistas nacionais e estrangeiros (Bertolli Filho, 2003).

Em maio de 1925, quando Albert Einstein esteve no Brasil e visitou a ABC, foi convidado a proferir uma palestra na emissora da Associação. Em seu pronunciamento, o físico, que já consolidara sua reputação internacional, assim ressaltou a importância do rádio na disseminação de noções científicas:

“Após minha visita a esta sociedade, não posso deixar de, mais uma vez, admirar os esplêndidos resultados a que chegaram a ciência aliada à técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização. É verdade que o livro também o poderia fazer e o tem feito, mas não com a simplicidade e segurança de uma exposição cuidada e ouvida de viva voz. O livro tem de ser escolhido pelo leitor, o que por vezes traz dificuldades. Na cultura levada pela radiotelefonía, desde que sejam pessoas qualificadas as que se encarregam da divulgação, quem ouve recebe, além de uma escolha judiciousa, opiniões pessoais e comentários que aplainam os caminhos e facilitam a compreensão. Esta é a grande obra da Rádio Sociedade (Apud: Moreira & Massarani, 2002:53).

As palavras de Einstein incentivaram o nascimento de outras “rádio sociedades” e “rádio clubes” que ostentavam objetivos muito próximos aos da emissora da ABC, cumprindo a tarefa primordial

de falar sobre a ciência e sobre os cientistas. No entanto, em 1932, alterações na legislação que dispunha sobre as atividades dos canais radiofônicos permitiram a entrada em funcionamento de estações comerciais que preteriram a divulgação científica em favor do entretenimento. Em consequência, as informações científicas tenderam a ser confinadas a breves referências nos noticiários levados ao ar. A ciência, por sua vez, confirmou seu reduto privilegiado em outros canais de comunicação, como o cinema educativo patrocinado pelas verbas oficiais e o meio impresso, representado por um significativo volume de livros e também por uma variedade de revistas que ganharam aceitação popular, como a *Eu sei tudo*, que vinha sendo publicada desde 1917. Nesse momento, vários acadêmicos alcançaram prestígio ou selaram sua participação como divulgadores científicos, destacando-se entre eles os médicos Miguel Osório de Almeida, que já atuava nesse setor há mais de uma década, e o novato José Reis.

Enquanto que as rádios comerciais focavam apenas esporadicamente os fatos e os vultos da ciência, a emissora patrocinada pela ABC entrava em franca decadência, sendo que, em setembro de 1936, Roquette-Pinto viu-se forçado a ceder a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação, então capitaneado por Gustavo Capanema. Segundo Carlos Drummond de Andrade (1961), literato que testemunhou a transferência de comando do canal radiofônico, o governo assumiu a estação de rádio sem saber exatamente o que fazer com ela, rebatizando-a como PRA-2 Rádio MEC, a qual, por fim, adotou a mesma linha implementada pelos seus antigos diretores.

Frente a este cenário, o objetivo deste artigo é analisar um momento peculiar da radiodifusão comercial brasileira, quando uma estação voltada para o entretenimento empenhou meia hora da sua programação para levar aos seus ouvintes informações sobre a ciência e sobre a vida de um cientista através da veiculação de uma versão singular da biografia de Vital Brazil. O programa avaliado contava com o título *Honra ao Mérito* e foi transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro na noite de uma quarta-feira, 13 de novembro de 1949 (Roberto, 1949).

A opção pelo estudo de um produto radiofônico impõe a necessidade de verificação do seu conteúdo paralelamente à sua formatação com o intuito de identificar os propósitos da mensagem e também sua inserção como narrativa biográfica pouco conhecida, até mesmo por uma parcela significativa dos cultuadores da memória do criador do Instituto Butantan. Nesses termos, este artigo corresponde a um desdobramento de um texto anterior do autor, o qual está voltado para o entendimento do percurso histórico e da cultura institucional do referido centro de pesquisa bandeirante (Bertolli Filho, 2005).

Para o desenvolvimento desta proposta, duas ordens de considerações são necessárias. A primeira delas refere-se à necessidade de localização do programa no ambiente da radiodifusão brasileira circunstanciado pela década de 40, o que implica na busca do sentido imposto à programação da Rádio Nacional e sua articulação com as ideologias em circulação no período. Dado a escassez de estudos neste setor, a primeira parte deste texto constitui-se na composição de um mosaico, certamente incompleto, que busca fixar o cenário sócio-cultural e político no qual a prática radiofônica estava inserida. Estabelecido o palco e os papéis dos personagens secundários, na etapa seguinte alça-se ao primeiro plano a biografia e o biografado.

A segunda questão, bem mais delicada, refere-se ao momento de produção e veiculação do programa, que corresponde não ao governo de Vargas, mas sim ao interregno do caudilho gaúcho no poder, quando Eurico Gaspar Dutra ocupava o posto presidencial, isto é, os anos iniciais da fase nacional que a historiografia denomina de “período da redemocratização”. Sobre a problemática temporal, alerta-se que as estruturas mentais e culturais não reagem sincronicamente às alterações ocorridas nas esferas política e econômica, mostrando-se aquelas tomadas por uma relativa lentidão no processo de absorção das transformações preconizadas por um novo momento (Soboul, 1973). O posicionamento aqui assumido é que, mesmo com Vargas afastado do poder central, sua ideologia, pautada pelo nacionalismo populista, matinha-se vigorosa, encon-

trando guarita inclusive na Rádio Nacional. Invoca-se ainda o teor de um projeto de pesquisa coordenado pelo falecido “brazilianista” Robert Levine – do qual o autor foi convidado a participar – sobre a “Era Vargas”. Para o estudioso norte-americano, a vigência do ideário varguista manteve-se dominante desde o Golpe de 30, comandado pelo próprio Vargas, até a ocorrência de um outro golpe de Estado, o de 1964, tendo sobrevivido inclusive ao suicídio do presidente (Levine, 1989). Assim, acredita-se que, durante todo este período, a proposta sustentada por Getúlio Vargas instruiu o funcionamento das instituições brasileiras e conferiu um sentido peculiar às expressões culturais, inclusive nos meios de comunicação de massa.

A Rádio Nacional e a ideologia varguista

Focar a biografia de um personagem constitui-se em uma tarefa de enquadramento do Homem e suas circunstâncias. Esta operação torna-se mais sinuante ainda quando a trajetória de vida analisada apresenta-se sob o formato de um produto midiático, no qual ganham proporções surpreendentes as idealizações sempre presentes nas dissertações biográficas. Isto porque, as modalidades e estratégias discursivas voltadas para amplos públicos buscam favorecer um envolvimento *sui-generis* daqueles que ouvem as narrativas, tornando tênues as fronteiras entre o real e o idealizado, entre o “puramente racional” e o “estritamente emotivo”.

Entender os sentidos atribuídos ao que foi asseverado sobre a vida de Vital Brazil pela Rádio Nacional impõe cuidados especiais, tornando-se importante perceber o uso político que o varguismo fez dos canais radiofônicos. Nesse curso, lembra-se que, desde 1930, o caudilho se preocupou com os meios de comunicação, promovendo a reforma da legislação do setor e criando um serviço especial de fiscalização de livros, jornais, cinema e emissoras de rádio, tendência que se tornou mais clara quando, em 1937, ocorreu o chamado “golpe dentro do golpe” que instituiu o Estado Novo e aproximou, no plano ideológico, o Brasil das potências nazi-fascistas. Tendo a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini como modelos, Vargas

percebeu que a legitimação da ditadura carecia da montagem de um novo imaginário nacional que viabilizasse a identificação entre o Estado e a sociedade civil e, para tanto, redobrou suas atenções sobre a educação formal e os meios de comunicação, tema que, pela pujança, tornou-se recorrente na historiografia voltada para o estudo do período (Dutra, 1997; Haussen, 1995; Horta, 1994).

A intenção promotora de medidas que resultassem no surgimento de um “homem novo”, pois tributário das premissas assumidas pela ditadura, tornou-se a tarefa maior da intelectualidade seduzida por Vargas (Oliveira *et al.*, 1982). O advogado Paulo Augusto de Figueiredo foi um dos muitos defensores do regime; reiterando as máximas governamentais que postulavam sobre o início de um “novo tempo” para o país, assim ele expressou a ideologia estadonovista:

“Voltemo-nos, pois para nós mesmos, procuremos compreender-nos. Demos à vida um sentimento heróico. Encaminhem-nos em todas as direções e incluamos todos os rumos num só sentido. Essa a nossa grande tarefa. (...) É possível que surja, no Brasil, o homem novo, e, com ele, uma idade nova”.

E assim o jurista concluiu suas perorações:

“O atual regime político brasileiro tem um conteúdo vasto e profundo, que só alguns raros espíritos têm percebido. Através das fórmulas políticas o que se quer é atingir a própria alma nacional. Há algo de formidável a se formar nas entranhas do organismo político nacional vigente. Tentemos descer até o abismo, integrar-nos nesse mundo soberbo, dirigir a riqueza imensa de que ele está impregnado. É o mundo novo, que vai surgir com o Estado Novo” (Figueiredo, 1941:137-138)⁽¹⁾.

A responsabilidade pela construção de um novo imaginário foi imputada sobretudo ao Departamento de Imprensa e Propaganda

1 Destaque no documento original.

(DIP), criado em dezembro de 1939 e que se tornou responsável pela oficialização da censura aos órgãos de comunicação. Mais do que isto, coube ao DIP indicar os diretores – geralmente convocados do oficialato das Forças Armadas e do Ministério da Justiça – dos canais de comunicação de massa que estavam sendo patrocinados pelo próprio governo federal. Entre os anos de 1940 e 1941, Vargas estabeleceu uma rede midiática sob seu direto controle; primeiramente, as Empresas Incorporadoras da União encamparam a Rádio Nacional e, em seguida, o DIP fundou o jornal *A Manhã*, voltado às camadas urbanas e a revista *Cultura Política*, esta endereçada a um público mais intelectualizado. A comunicação tornara-se parte vital da sustentação da ideologia getulista e os representantes da ditadura declaravam isso sem qualquer constrangimento (Silveira, 1941).

A PRE-8, Rádio Nacional do Rio de Janeiro, conta com uma história anterior ao advento do Estado Novo. Sua origem remonta a 1930, momento em que entrou no ar as transmissões da Sociedade Rádio Philips do Brasil, emissora pertencente à companhia holandesa do mesmo nome, que a criou objetivando a divulgação dos aparelhos radiofônicos e os transmissores de alta e média potência que, fabricados na Europa e nos Estados Unidos, eram comercializados nos trópicos. Em 1936, devido a novas alterações na legislação radiofônica, a Philips desistiu de sua emissora, vendendo-a ao jornal *A Noite*, diário que algum tempo antes havia perdido seu sócio-majoritário, Roberto Marinho (Mello, 2000). Transformada juridicamente em Sociedade Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a emissora instituiu um novo padrão para as transmissões radiofônicas que revigorou o setor de entretenimento, sendo a pioneira na profissionalização de seu *cast* e enfatizando na sua programação a apresentação de cantores de sucesso e também de radioteatro (Casé, 1995)⁽²⁾. Em 1940, o con-

2 A Rádio Nacional estreou a primeira radionovela brasileira em 1941, cujo título era “Em busca da felicidade”. O sucesso foi tal que, em 1956, quando a emissora ficava no ar por aproximadamente 20 horas diárias, chegou a transmitir nada menos que 14 radionovelas em um único dia.

glomerado que incluía além do jornal e a emissora de rádio mencionados, a Rio Editora e a Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande apresentou graves problemas financeiros, sendo o grupo incorporado ao patrimônio da União.

Sob a tutela governamental, a Rádio Nacional passou por profundas transformações, sem no entanto perder o caráter profissional. Além de assumir a função de estação geradora da Hora do Brasil, programa instituído em 1938 pelo próprio Vargas, sua programação ganhou maior diversificação, atendendo ao gosto do público urbano. Apesar de vários depoimentos em contrário, parece certo que a emissora foi beneficiada por significativas verbas oficiais, o que permitiu reforçar seu elenco, atraindo artistas de outras rádios e elevando o salário de seus funcionários (CPDOC/FGV, 2005). Novos e mais potentes equipamentos foram adquiridos e novas retransmissoras foram instalados em pontos estratégicos do país, permitindo que, através das ondas curtas, a Rádio Nacional atingisse todo o território nacional e, a partir de 1942, terras estrangeiras, transmitindo programas especiais para os Estados Unidos e Europa (Aréas, 1956).

Em pouco tempo, o padrão de produção radiofônica consolidado pela Rádio Nacional fez com que ela ocupasse a posição de principal emissora brasileira, tornando-se porta-voz oficiosa do presidente da República. As idéias do presidente foram prontamente adotadas pela Nacional, inclusive porque a direção da rádio ficou a cargo de homens de confiança do ditador. O fim do Estado Novo e a deposição do presidente não impediram que a PRE-8 permanecesse fiel a Vargas e, não por acaso, o declínio da emissora teve início nos meses subsequentes ao suicídio do caudilho (Ferraretto, 2001).

Enquanto espetáculo massivo, a Rádio Nacional acompanhou os impasses vividos por seu patrono. Logo após sua incorporação, a emissora acompanhou a guinada de Vargas em prol dos Aliados, passando a partir de então a divulgar em seus programas a ideologia norte-americana, inclusive o *American way of life*, assumindo como pólo inspirador a programação das rádios da América do

Norte, especialmente as componentes da *Columbia Broadcasting System* (CBS). Outro forte elemento que caracterizou a “norte-americanação” da emissora deu-se em 1941, com o radiojornal Repórter Esso. Financiado pela *Standard Oil Company of Brazil*, a Esso, pertencente à família Rockefeller, o noticiário era produzido pela agência de publicidade McCann-Erickson, responsável pela conta da petrolífera, em associação com a *United Press International* (UPI). Com anuência nunca explicitada do governo brasileiro, o Repórter Esso, apresentado desde 1944 pelo gaúcho Heron Domingues, formatava as notícias em conformidade com os interesses *yankees*, censurando tudo que não fosse de interesse dos Estados Unidos, o que incluía qualquer notícia que fosse contrária aos objetivos econômicos da empresa patrocinadora do programa de notícias⁽³⁾.

No conjunto de sua programação, especialmente a partir da participação direta do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a Rádio Nacional reiterava seu apego ao modelo radiofônico e ao “espírito” norte-americano. Seus programas de maior sucesso, os musicais e as radionovelas, apregoavam os valores que eram considerados “sadios”: a elevação do espírito da nacionalidade e o comportamento correto, que implicava em compromissos individuais e coletivos para com a comunidade, o respeito aos valores cristãos, a idolatração da família e, é claro, a submissão à ordem governamental. Os funcionários da emissora, especialmente os “cantores do rádio” passaram a ter suas biografias idealizadas para se enquadrarem no modelo defendido, havendo punição e, em alguns casos, exclusão de todos aqueles que deixassem transparecer em público opções de vida tidas como destoantes da moral propagada, situação que inspirou inúmeras pesquisas acadêmicas (Lenharo, 1995; Saroldi & Moreira, 1984; Goldfeder, 1981).

3 A autonomia da McCann-Erickson e da UPI em produzir o Repórter Esso era tal que, durante a campanha de nacionalização do petróleo, Getúlio Vargas não teve poder suficiente para censurar o radiojornal, que simplesmente não divulgou qualquer informação sobre o assunto, obviamente defendendo os interesses da empresa que o patrocinava (Ferraretto, 2001b:7).

Estabelecido o palco radiofônico no qual Vital Brazil seria apresentado à nação, um outro personagem deve entrar em cena antes do próprio cientista: o carioca José Marques Gomes, conhecido no ambiente do rádio e, mais tarde, no da televisão, pelo pseudônimo Paulo Roberto. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Paulo Roberto atuou paralelamente como obstetra da Maternidade Estadual de Cascadura e como homem da mídia. Egresso na Rádio Nacional em 1948, quando já contava com larga experiência no setor, serviu na emissora como locutor, radioator, redator, programador e compositor musical, autor de *jingles* e sobretudo como produtor; nesta última atividade, chegou a ser responsável por cinco programas concomitantemente, sendo que aqueles que mais sucesso obtiveram junto aos ouvintes foram Honra ao mérito – que, em meados da década de 50 passou a se denominar Gente que brilha! -, Obrigado Doutor, Nada além que dois minutos, Lyra de Xopotó e Viva a Marinha, este produzido sob a supervisão direta da própria Marinha de Guerra Brasileira. Para além disso, foi responsável por séries de publicações médicas, voltadas tanto para o círculo hipocrático quanto para a comunidade leiga, além de várias outras atividades que não cabe aqui destacar (Albin, 2005).

Nesses múltiplos empreendimentos, Paulo Roberto representou, mais do que qualquer outro personagem, o processo de americanização da rádio brasileira; a audição do que restou de seus programas e sobretudo de parte dos scripts que redigiu, e que sobreviveu à depredação que a Rádio Nacional foi vitimada pelos golpistas de 1964, faz lembrar velhos programas da CBS. Nesta rota, Paulo Roberto transformou-se em um mediador entre os funcionários da emissora e os altos escalões do governo federal e das Forças Armadas, alcançando grande sucesso junto público assim como prestígio entre seus colegas da mídia, sendo assim avaliado por outro destacado participante da história do meio radiofônico, Renato Murce:

Paulo Roberto foi, na minha opinião, um dos maiores radialistas desta terra. Todas as suas criações traziam a marca da inteligência, da cultura e de um profundo sentimento humano, difícil de ser igualado e muito menos ultrapassado. (...) Vi muitas vezes o Floriano Faissal (então responsável pela programação) mostrar-se aflito e apreensivo quando, às vezes, faltando meia hora para o programa ser levado ao ar, Paulo Roberto ainda estava na sala, acabando de escreve-lo (Murce, 1976:155).

Foi através deste homem de múltiplos talentos e grande tino político que os enfoques biográficos e as mensagens científicas voltaram a ocupar algum espaço numa emissora comprometida com o entretenimento. Os programas produzidos por Paulo Roberto davam vazão à sua formação acadêmica e ao seu pendor varguista; apesar das escassas informações preservadas, sabe-se que Honra ao Mérito estreou na Rádio Nacional em fins de 1948, permanecendo no ar, com título alterado, até o final da década seguinte. Os homenageados procediam de diversas áreas de atuação, representando em bloco o “espírito da nacionalidade”: médicos como Vital Brazil, físicos, como Cesar Lattes, artistas do rádio, como Dircinha Batista, Ary Barroso, Dolores Duran, filantropos como Ernestina Ferreira dos Santos e um grande número de burocratas do alto escalão governamental, inclusive o próprio Getúlio Vargas. Vale lembrar ainda que, a maior parte dos homenageados por Paulo Roberto já o tinham sido pelo ditador. Apesar de todos os conflitos burocráticos que viveu durante o primeiro governo de Vargas, Vital Brazil foi festejado pelo presidente da República; em 1942 seu nome foi inscrito no Livro de Mérito instituído por Getúlio, como também o foram vários outros personagens cujas vidas, mais tarde, foram contadas pelas ondas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

A formatação adotada por Paulo Roberto para a apresentação das trajetórias de vida dos homenageados lembra de perto o modelo oferecido pelo *Lux Radio Theater*, programa semanal que, à época, era transmitido pela norte-americana CBS: a junção num

mesmo programa de dramatização, música e informação. Sob o patrocínio da *Standard Oil Company of Brazil*, o programa adotou o mesmo tom afinado com os ideais norte-americanos e inclusive a ainda lembrada vinheta sonora de abertura e encerramento do Repórter Esso, de autoria do maestro Carioca, mostrando a afinidade de objetivos entre o programa de invocação biográfica e o radiojornal. Além disso, Herón Domingues, celebrizado como o locutor do mesmo noticiário também participava de Honra ao Mérito, fazendo a locução da abertura e do encerramento do programa.

Foi nesse contexto que houve o encontro entre Paulo Roberto e Vital Brazil.

Vital Brazil nas ondas da Rádio Nacional

A construção biográfica converge para uma “ilusão retórica” que tem como objetivo, através de um discurso romanesco, criar a fantasia de uma história pessoal coerente e totalizante no sentido de que estaria visceralmente articulada às grandes estruturas da sociedade (Bordieu, 1996:185). Circunstanciadas pela Era Vargas, as narrativas sobre os percursos individuais ganharam uma surpreendente popularidade, sobretudo devido ao empenho do DIP e das instituições simpatizantes ao populismo nacionalista assumido por Vargas; o intuito imposto às biografias era claro: enfatizar a potencialidade da nacionalidade através da exaltação de personagens triunfantes, apregoando através da vida dos biografados os valores que deveriam servir como receita de sucesso para as camadas populares: o apego ao trabalho, a aceitação da educação formal, a perseverança nas ações, o temor ao deus dos cristãos e a humildade de espírito. Somadas, estas forças representavam o poder de transformação dentro da ordem instituída, rumo à modernidade apregoada pelo varguismo.

O programa Honra ao Mérito foi apenas uma das demonstrações de apreço aos enfoques biográficos como estratégia de exaltação do Estado-nação. O enlevamento do “povo brasileiro”, especialmente das camadas subalternas, buscava escamotear os con-

flitos de classe, estabelecendo a noção de sociedade como um todo orgânico gerido por uma potencialidade intrínseca a cada um de seus componentes, confirmando a perspectiva da nação como uma “comunidade imaginada”. Além da Rádio Nacional, por exemplo, o jornal *A Manhã*, durante toda a sua existência, também possuía um seção exclusiva para ressaltar o perfil biográfico dos “grandes personagens” da nossa história, ensejando com isto uma memória coletiva idealizada segundo os interesses das elites no poder (Gomes, 1996).

Através do enfoque antropológico, é possível se afirmar que a centralidade do personagem na construção da trama biográfica implica na tecitura de um discurso mítico no qual aquele que narra atua como uma espécie de compositor de uma partitura de orquestra, selecionando e somando pauta após pauta para compor uma série melódica contínua e coerente em termos culturais, isto é, arquitetando uma mensagem a partir de uma coleção de elementos pré-existentes e já incorporados pela sociedade. A partir dos ensinamentos propostos por Claude Lévi-Strauss (1975), é possível afirmar que, em sua integralidade e assim como os mitos, o discurso biográfico contém mitemas, isto é “grandes unidades constitutivas” que se apresentam como eixos norteadores da narrativa, podendo a cada momento serem parcial ou totalmente alterados e/ou rearticulados para corresponder aos interesses e necessidades do grupo para a qual a ‘estória’ é recitada.

Paulo Roberto desempenhou o papel de “operador mítico”, tendo como matéria prima a vida de Vital Brazil. Nessa tarefa, conferiu ao personagem uma identidade peculiar e diferenciada, como por exemplo, em relação à composição que Otto Bier (1949) assinou no mesmo período sobre o “pai espiritual” do Instituto Butantan. Nessa tarefa, (re)construiu a vida do cientista e (re)apresentou o homenageado à sociedade brasileira, moldando sua trajetória de vida segundo os valores sustentados pela Rádio Nacional. Nesse sentido, o script radiofônico será avaliado segundo os mitemas que foram detectados no enredo, adotando-se como contraponto a peça

biográfica mais detalhada disponível sobre o mineiro nascido no município de Campanha, aquela elaborada por seu filho, Lael Vital Brazil (1996).

A aproximação do conteúdo biográfico com as estruturas míticas permite identificar elementos e situações comuns aos personagens aclamados como heróis. A compilação dos mitos clássicos realizada por James Frazer (1982) mostra a constância de certos mitemas nos enredos que falam da vida dos personagens heróicos, sendo fonte inspiradora da análise sobre a representação da vida de Vital Brazil, como narrada por Paulo Roberto.

Eis os mitemas detectados:

A condição de herói. Em quatro momentos diferentes da exortação robertiana a dimensão heróica de Vital Brazil é ressaltada. Antes de mais nada, o homenageado é um “herói brasileiro”, confirmando a potencialidade do povo enquanto categoria platônica e pautando o sentido da narrativa desde seu início; quase que imediatamente após isto, novamente é reiterada a mesma condição do cientista, mas agora para explicar o motivo central da peça radiofônica: servir de exemplo para aqueles que ouviam a síntese de uma existência ímpar, condição/maldição do herói clássico. Tomando o curso de uma saga, ganha naturalidade a reiteração da existência heróica como uma série contínua de proações, que se sucedem para primeiramente anunciar a essência peculiar de “homem destacado” e, em seguida, por ser proações que ganham concretude a partir do compromisso do personagem em socorrer aqueles que não são dotados de poderes iguais ao dele, isto é, o povo / o ouvinte. No encerramento da narrativa – que coincide com o tempo presente do narrador e o crepúsculo da vida do herói – reitera-se uma vez mais esta condição, agora embasado no que foi contado e não mais como uma afirmação vazia porque não comprovada pelas situações de uma vida aventureira.

Tudo acontece na vida do herói como sendo etapas de uma missão atribuída ao personagem por uma entidade divina. Nas lentes de Paulo Roberto, foi Deus que encaminhou o médico para o

sertão e o deteve diante de um caboclo que lhe confidenciou a morte de um filho ainda criança por mordedura de cobra. Fala-se, pois, na existência de um destino imposto e sobre o qual o eleito não tem forças nem desejo de se rebelar.

A desvantagem inicial do herói. Como em todo mito, o herói tem suas raízes comprometidas com algum tipo de carência ou fraqueza. No caso do cientista, a pobreza de seus pais é ressaltada, pobreza essa que dominara a vida do jovem Vital Brazil, obrigando-o a aceitar empregos em posições subalternas, como a de tipógrafo e a de condutor de bonde. Cotejando com a biografia elaborada por Lael Vital Brazil, sabe-se que, se a família era realmente pobre, não o era na dimensão trabalhada por Paulo Roberto. José Manuel dos Santos, o progenitor do homenageado, era membro de uma família de proprietários de terras e escravocratas que dispunham de um significativo capital, auxiliando José Manuel e sua prole nos momentos de maior necessidade. Lembra-se ainda que a figura paterna, apesar de viciada no jogo, ocupou posições que rendiam um salário significativo na segunda metade do século XIX, como a de tabelião de cidade interiorana.

A heróica solidão. Também como nas narrativas míticas, o herói é apresentado como um ente solitário, isto é, destituído de praticamente todos os apoios, a não ser de um punhado de amigos ou de uma família, a qual sustenta e dirige. Na trama radiofônica, nenhum nome é destacado como prestador de algum tipo de ajuda ao personagem central. Quando Vital Brazil buscou apoios, como no caso das cartas de apresentação que levou consigo para o Rio de Janeiro, a ajuda requerida é-lhe negada e, na seqüência, o futuro médico destrói os demais documentos que poderiam lhe abrir portas e, num dos momentos de maior tensão do saga, jura triunfar e fazer-se conhecido sem a ajuda de ninguém.

Novamente cotejando com a biografia elaborada por Lael, sabe-se não só do apoio que era ofertado pelos avós de Vital Brazil como também, pelo fato de a família ser protestante, opção religiosa que fornece um “capital simbólico” que auxilia tanto a José Manuel a

obter, em vários momentos, hospedagem gratuita, trabalho e ensino de qualidade para os filhos, sendo que o futuro cientista também beneficiou-se deste fato, conseguindo por mais de uma vez emprego como docente em escolas particulares, atividade que rendia prestígio e ganhos diferenciados em relação às profissões usualmente disponíveis para os mais pobres. Da mesma maneira, já estudante de medicina, Vital Brazil obteve um posto em repartição pública graças à indicação de um político influente.

A vida de confrontos. Ainda como todos os heróis, a imposição de um destino reclamava a construção de uma identidade que seria confirmada a partir da seqüência de conflitos com outros homens, no caso de Vital Brazil especialmente com aqueles que estavam instalados nas altas instâncias políticas. Em conjunto, tais confrontos fluem para o embate entre o tradicional e o moderno, outro tema caro à ideologia getulista.

No referente ao choque de interesses entre o médico e outros homens, a Rádio Nacional invoca particularmente o estamento político-burocrático. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Vital Brazil busca ajuda junto ao ex-deputado da Corte e conselheiro do Império, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, na verdade encontrando-o em sua residência, quando palestrava com um dos mais destacados clínicos do período, o dr. Torres Homem. Certamente para conferir maior impacto à cena narrada, Paulo Roberto transfere a entrevista para a Câmara dos Deputados, onde o jovem migrado de São Paulo encontra-se com o velho político e seu representante circunstancial, o porteiro do edifício público. Primeiramente, o atendente recebe o jovem acintosamente e, dentre outras agressões, ridicularizou o exotismo do nome do visitante, diagnosticando que com ele, Vital Brazil “nunca poderá ser nada na vida”. Na seqüência, frente à solicitação do moço, Ribeiro de Andrada negou socorro ao suplicante e tímido rapaz, acrescentando quase em tom de bazófia que “quem é pobre não deve pensar em estudar”. A mesma negação de auxílio deu-se por parte de um alto burocrata paulista, quando o cientista, já ocupando a direção do Instituto Butantan, teve seu pedido de

apoio rejeitado, quando se propôs a participar de um evento médico no Rio de Janeiro, no qual iria apresentar o soro antiofídico que preparara.

O tratamento radiofônico dessas duas cenas guardam um sentido implícito que aproxima a construção da figura do herói com o posicionamento acirradamente anti-liberal da política de Vargas. Primeiramente, Martim Francisco Ribeiro de Andrada era um dos expoentes do credo liberal no final do período imperial e era membro do clã de José Bonifácio, aclamado como “pai do liberalismo” brasileiro. O deslocamento da cena de encontro entre Vital Brazil e Martim Francisco para a Câmara dos Deputados da Corte tem um sentido claro, colocando em contraste a humildade do “povo”/Vital Brazil e a prepotência dos políticos liberais. É de se notar que, neste segmento radiofônico, o próprio narrador intervém no processo, tomando as dores do cidadão humilhado ao tecer observações, em tom irônico, sobre o comportamento do “representante do povo” que não se preocupa em atender dignamente a justa solicitação de um jovem pobre que solicitava um emprego para, com ele, financiar seus estudos. Da mesma maneira, o burocrata paulista que nega ajuda ao cientista representa o liberalismo da República Velha, que em 1930 fora derrubada pelo golpe liderado por Getúlio Vargas.

A apologia da verdade. Também faz parte da constituição da identidade heróica encaminhar os homens do território das sombras ao das luzes, isto é, revelar uma verdade fundamental que, nos quadros do momento em que Vital Brazil vivia pode ser traduzido como uma das pontas do conflito entre o misticismo popular, o saber acadêmico ultrapassado ou em vias disso e a ciência moderna.

Em um momento decisivo para a confirmação da medicina científica como único e legítimo saber sobre as enfermidades e os corpos, a invocação da medicina rústica, de teor mágico, mostra-se significativo. A cena dramatizada que registra a tentativa de um feitiço, Pai João, de salvar a vida de uma criança vitimada por uma picada de cobra parece exemplar no âmbito do script. O som do batuque de tambores sobrepõe-se à trilha musical que lembra a de

antigos filmes holywoodianos que retratavam a “África misteriosa” e confunde-se com a voz balbuciante do curador, que mistura rezas secretas com o emprego de inócuas terapêuticas sertanejas. Tais procedimentos são considerados “erros e falsidades” porque baseados em “uma terapêutica fanática, selvagem e inteiramente ineficaz”, aceita por uma população camponesa tradicional cuja descrição lembra de perto as perorações que Monteiro Lobato desferiu, no início do século XX, contra o tipo caipira. Nesse ambiente, o jovem cientista desponta como salvador porque, ao portar os conhecimentos representados pelas últimas novidades da medicina – com a qual ele mesmo estava prestes a contribuir -, mostra-se capacitado para arrancar dos braços da morte os vitimados por acidentes ofídicos.

Da mesma forma, a medicina científica, mas não afeita à própria modernização hipocrática, também foi sutilmente combatida; o permanganato de potássio, de recorrência geral entre os esculápios para o tratamento dos picados por serpentes, foi avaliado como ineficiente, tendo como resposta as pesquisas de Vital Brazil. Sombras também existiam entre os mais destacados representantes da medicina nacional que, inicialmente duvidaram da eficácia do soro produzido pelo cientista do Butantan. O clima de tensão ganhou novamente lugar na dramatização elaborada pelo produtor e narrador do Honra ao Mérito no confronto entre Vital Brazil e seus pares no âmbito do 5º. Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizado no Rio de Janeiro, em 1903, a reunião na qual Vital Brazil não contou com o apoio do governo paulista. Foi nesse confronto, *inter-pari*, que definiu-se a imagem heróica do cientista. Isolado frente ao prestígio granjeado pelo francês Albert Calmette, o médico realizou uma experiência na presença de outros especialistas, os quais duvidavam de positividade do soro que acabara de produzir. A comprovação da eficácia do soro antiofídico produzido pelo pesquisador do Instituto Butantan converteu, com relativa rapidez, seus pares que, lançados das sombras às luzes da modernidade médica, imediatamente o aclamaram com vivas e aplausos sob o som de uma marcha triunfal.

Como é ressaltado na parte introdutória da narrativa, o herói desponta “como um facho de luz na sombra ou um barco de salvação na tempestade”. Confirmava-se assim a condição heróica através da reconstrução midiática.

A vida em constante provação. Outra tarefa típica da existência heróica é manter-se no Olimpo e, para tanto, impõe-se a necessidade de o personagem submeter-se a constantes provas que, com frequência, colocam a sua própria vida em risco. Em uma narrativa permeada por sucessivas tensões, Vital Brazil primeiramente superou sua aversão por répteis para depois, aprender a manipular as serpentes para extrair-lhes o veneno necessário para a produção do soro antiofídico, transformando esta tarefa em algo corriqueiro e ensejando situações que qualquer descuido poderia provocar uma acidente fatal. No final do programa, avaliando a vida do herói, outros dados foram acrescentados sobre a biografia do médico, dados esses que remetem à sua coragem e à sua vida constantemente colocada em risco. Lutando contra a peste bubônica, contraiu a doença e salvou-se, o mesmo acontecendo quando participou da campanha contra a febre amarela.

Ressalta-se que o narrador apresenta esses e outros dados que poderiam causar a morte do cientista, mas este, colocando sua missão humanitária acima de tudo, inclusive do bem-estar de sua família, resigna-se, como qualquer outro herói mítico, a apenas cumprir sua missão. Elevado pela fala radiofônica à condição de apóstolo imbuído de um destino missionário pela entidade divina, sua sobrevivência em situações de risco também é atribuída ao “deus dos pesquisadores”, que colocou um “anjo da guarda” para proteger o cientista em ação.

O herói, ser moral. A condição básica do herói é a de um ser moral que, em primeiro lugar, dedica-se à salvação da Humanidade e à correção de seus (des)caminhos através da revelação de uma verdade, no presente caso, a modernidade científica. Em segundo lugar, ele é fiel e comprometido com um grupo mais próximo de sua sociabilidade, que pode ser os amigos e mais especialmente o

estamento familiar. Mesmo que o personagem apresente-se solitário em suas empreitadas, sempre existem atores de menor destaque no enredo, que só entram em cena no momento de sua glorificação. Assim, a família de Vital Brazil, sua esposa, 16 filhos e 35 netos – que aflora implicitamente com um de seus feitos – também é lembrada no instante de ápice da cerimônia, que coincide com o final da narrativa sobre a trajetória do homenageado.

A apoteose constitui-se no ponto máximo da celebração do herói⁽⁴⁾. No protocolo tradicional, após a rememoração ritualística dos feitos heróicos, sucedia-se o festim celebrativo que, no molde radiofônico, foi substituído por uma das formas de saudação clássica, o cântico e o aplauso em louvor do paladino do bem. Tal forma de homenagem contava com dois objetivos, ambos integrantes da fórmula adotada por Honra ao Mérito: realçar o papel salvador do herói e também declarar sua eternidade, através de sua entronização na memória coletiva ou, como quis Paulo Roberto, “no amor do nosso coração”.

Apesar de tudo, o herói é humano. Diferentemente dos deuses que, de regra, são projetados como entidades imortais, os heróis, apesar dos seus dotes sobrenaturais, são mortais, isto é, nascem, envelhecem e morrem. Mesmo que com algumas exceções, eles guardam uma faceta humana marcada pela humildade, negando sua condição de seres diferenciados. Velho, adoentado e próximo da morte – faleceria seis meses após a homenagem prestada pela Rádio Nacional – Vital Brazil legitimou a versão midiática de sua vida, falando diretamente do seu leito para os ouvintes da PRE-8 e enviando um de seus rebentos, Ícaro Vital Brazil, para representá-lo no programa comandado por Paulo Roberto, recebendo em nome do pai o diploma e a medalha que foram ofertados. Em seu sucinto pronunciamento, novamente como o protótipo do herói clássico, o ancião negou a condição heróica que lhe era imputada, tratando

4 Na formulação clássica, a apoteose refere-se ao processo de deificação de um ente, situação que perdeu boa parte do seu significado nos rituais centrados na aclamação pública dos heróis.

as armas que aperfeiçoou e com as quais lutou, o saber especializado, como “minha pobre ciência”. Em vez de discorrer sobre suas conquistas no campo da ciência, preferiu empenhar suas breves palavras na reiteração dos compromissos ético-morais assumidos durante toda sua trajetória, afirmando que gostaria de ter feito mais em prol da humanidade e o que fizera constituía-se naquilo que conforta e tranquilizava seu “velho coração”.

Nestes termos, o mito extrapola o cenário nacional e o homenageado é remetido a um contexto mais abrangente, um médico-herói indelevelmente ligado à ciência universal. A partir disto, ele foi plenamente integrado ao panteão dos grandes cientistas da humanidade, sendo comparado a Pasteur, promotor da revolução científica do século XIX.

O mito como um filtro da história

Além da idealização dos fatos que realmente ocorreram, o mito procede a uma meticulosa seleção de episódios que buscam realçar a coerência do percurso de vida do personagem heróico. O mito, assim como o script radiofônico, não é produzido em um vazio de sentidos, mas sim nos interstícios da cultura, sendo não só importante para análise o que o ele diz, mas também sobre o que lança para as margens da narrativa ou simplesmente exclui do discurso.

A mitológica vitalina orquestrada por Paulo Roberto, por exemplo, confere quase nenhuma atenção àquilo que praticamente todas as outras iniciativas biográficas conferem grande destaque: Vital Brazil como fundador de dois institutos de importância no cenário da pesquisa científica nacional e mesmo internacional. O fato de o Butantan ser colocado na penumbra e o próprio cientista aparecer como pertencente ao “grupo fundador” da instituição não pode ser atribuído a um erro do produtor da Rádio Nacional ou, como um colega sugeriu, às disputas entre os institutos paulistas e seus congêneres cariocas, ou ainda ao fato de Vital Brazil ter vivido no Butantan seu momento de glória, mas também de conflito com vários de seus funcionários, levando-o por duas vezes a abandonar

a instituição que criara, inclusive por ter sido acusado de corrupção e privilegiamento de alguns membros da instituição. Tais observações parecem de pouca valia, até mesmo pelo fato de o instituto que o cientista fundou em Niterói ter ganhado ainda menor destaque que o Butantan. Mais do que isto, acredita-se que a composição sob análise buscou destacar a figura ética do homenageado, ressaltando a dimensão de “um espírito” e nem tanto o talento político-burocrático do cientista. Em consequência, procedeu-se a exclusão desta dimensão de sua vida. O mito/script é refém de um *timing* que não pode ser desprezado, incorporando o estritamente essencial para a arquitetura da trama.

Da mesma forma, outros feitos notáveis do cientista foram relegados ao esquecimento, tais como o confronto acadêmico com Calmette, a situação que, em uma de suas viagens aos Estados Unidos, o médico brasileiro salvou a vida de um homem que havia sido picado por uma serpente, circunstância que o fez ser tema durante dois dias nas páginas do *The New York Times*, e também tantas outras homenagens com as quais Vital Brazil foi agraciado.

A opção da Rádio Nacional em enfatizar o herói como personagem moral, operação na qual Paulo Roberto mostrou-se exímio em exercitar, tem um sentido claro. Acima de tudo falou de um “homem do povo” que ganhou prestígio a partir do culto a dois valores caros ao getulismo: o empenho no trabalho e a indicação da educação formal como forma de ascensão social e obtenção de prestígio. Fórmula adotada pela emissora como uma bandeira que, em última instância reiterava os elementos fundantes da própria biografia sustentada oficialmente por Getúlio Vargas.

Considerações finais

A análise da biografia radiofônica de Vital Brazil permite algumas considerações. A primeira delas, é que existe na mídia, desde as suas origens uma dimensão que permite supor a existência de um empenho divulgador da ciência, tendo como um de seus pontos de culminância a exaltação biográfica dos principais cientistas.

A narração da vida de Vital Brazil através da recorrência ao percurso tradicional assumido para a exposição das existências heróicas permite também observar a dependência midiática do pensamento mítico, sendo o programa avaliado não uma exceção, mas a regra, nos termos de como o fenômeno foi discutido por Malena Contrera (1996). Nesse percurso, o Honra ao Mérito dedicado ao elogio do cientista mineiro foi preparado como estratégia radiofônica de amoldamento moral dos ouvintes.

Em continuidade, acredita-se que o programa prestou-se menos à alienação dos expostos à mensagem divulgada pela PRE-8 – conclusão automática a que muitos analistas chegam ao se debruçar sobre os produtos veiculados pelos meios de comunicação de massa – e mais como uma estratégia de, no contexto do varguismo, expor as possibilidades modernas de como as camadas populares poderiam traçar seus projetos de vida, sem colocar em risco a ordem burguesa, pautada pelo trabalho e ética afinados com o imaginário capitalista. Assim, se há uma linhagem constante na história comprometida com a exaltação das identidades individuais, a biografia explorada neste estudo ganha singularidade a partir de sua função social, a qual se distingue do “culto ao indivíduo” típico da pós-modernidade.

A aceitação e legitimação da homenagem pelo próprio Vital Brazil merecem comentários. O cientista empenhou-se em produzir uma autobiografia que lhe fosse conveniente, primeiramente a partir da elaboração de um esboço histórico do Instituto Butantan e, mais tarde, pela composição da biografia de seu pai e outra dele próprio, sendo que ambas jamais foram concluídas. Assim, a biografia elaborada pela Rádio Nacional cumpriu a função de retratar miticamente a trajetória do cientista, mesmo que no mesmo período ainda se avertissem várias críticas à atuação de Vital Brazil quando na direção do instituto paulistano que fundou. O enredo produzido por Paulo Roberto ganhou a condição de um modelo que foi aproveitado inclusive na biografia de autoria de Hernani Donato (1959), a qual povoou de sonhos a cabeça dos leitores mais jovens,

inclusive a do autor deste texto. Ressalta-se ainda que, fixado o mito na memória social, a própria sociedade cobra dos integrantes das instituições que o cientista fundou – o Instituto Butantan e o Instituto que recebe o seu nome – comportamentos e ideais semelhantes àqueles corriqueiramente atribuídos ao “pai espiritual” dos institutos de pesquisa e produção de fármacos, o que implica na peculiaridade da cultura específica às duas agremiações.

Por último, discute-se do que é feita a memória sócio-histórica tributada a um homem público que alcançou a projeção do porte daquela desfrutada pela imagem de Vital Brazil. As múltiplas falas que o personagem incentivou, tanto em vida quanto depois de morto, favorecem a construção atual de uma polifonia que permite a avaliação do cientista e sua obra sob múltiplas perspectivas, havendo a óbvia predominância de sua figura como a de um herói do século XX. É inclusive pela fluidez desse emaranhado contraditório de falas que estamos aqui reunidos, no território que ele próprio dedicou ao culto da ciência, para, através de um novo esforço de entendimento, prestar-lhe mais uma e merecida homenagem.

Referências bibliográficas

ALBIN, R.C.(org.). “Paulo Roberto”. In: *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira*. <www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_B&nome=Paulo+Roberto> Capturado em 04 Nov. 2005.

ANDRADE, C.D. DE. “Crônicas e Notícias”. *Correio da Manhã*, 07 de setembro de 1961. <www.radiomec.com.br/cronicasenoticias/default.asp> Capturado em 16 Nov. 2005.

ARÉAS, M. *História e crônicas sobre a Rádio Nacional do Rio: homenagem aos 20 anos da emissora (1956)*. <www.locutor.info/biblioteca/historias_cronicas_radio_nacional_1956.doc> Capturado em 07 Nov. 2005.

BERTOLLI FILHO, C. “Cultura institucional e história: o Instituto Butantan”. *Cadernos de História da Ciência do Instituto Butantan* 1(1):145-166, Jan./Jun. 2005.

_____. *A ciência na mídia: entre a divulgação e a distorção*. Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, 2003 (Relatório de Pesquisa).

BIER, O.G. “Homens e instituições: Vital Brazil e sua atuação no ambiente científico brasileiro”. *Ciência e Cultura* 2(3):223-231, 1949.

BORDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

BRAZIL, LV. *Vital Brazil Mineiro da Campanha: uma genealogia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1996.

BURKETT, W. *Jornalismo científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASÉ, R. *Programa Casé: o rádio começou aqui*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

CONTRERA, M.S. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 1996.

CPDOC/FGV. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação e propaganda*. <www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm> Capturado em 10 Nov. 2005.

DONATO, H. *Vital Brazil*. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

DUTRA, E. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Ed. UFRJ/Ed. UFMG, 1997.

FERRARETTO, L. A. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. 2ª. ed., Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001a.

_____. *Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica da influência dos Estados Unidos nas emissoras brasileiras*. Campo Grande: Intercom/XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001b.

FIGUEIREDO, P.A. de. “O Estado Novo e o Homem Novo”. *Cultura Política* 1(1):133-138, Mar. 1941.

FRAZER, SIR J.G. *O ramo dourado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLDFEDER, M. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOMES, Â. de C. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

HAUSSEN, D. F. “Rádio e imaginário: o uso ‘inteligente’ do veículo feito por Vargas (Brasil) e Perón (Argentina)”. *Revista Famecos* 2:7-16, Mar. 1995.

HORTA, J.S.B. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

KRIEGHBAUM, H. *A ciência e os meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Correio da Manhã, 1970.

LENHARO, A. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. “A estrutura dos mitos”. In: Idem. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 237-265.

LEVINE, R.. *Vargas Era Project: 1930-1964*. Miami: University of Miami, 1989.

MELLO, J. *A história da Philips (2000)*. <www.bn.com.br/radios-antigos/philips.htm> Capturado em 12 Nov. 2005.

MOREIRA, I. DE C & Massarani, L. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. In: Idem et al. (orgs). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002, p. 43-64.

MURCE, R. *Bastidores do rádio*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

OLIVEIRA, L L. et al. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ROBERTO, P. “Programa Honra ao Mérito, transmitido pela Rádio Nacional em 13 de novembro de 1949”. In: *Biblioteca Virtual Vital Brasil*. <www.prossiga.br/vitalbrazil/producao/discursos/mp3.htm> Capturado em 15 Mai. 2004.

SAROLDI, L.C. & MOREIRA, S.V. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

SILVEIRA, D.P. “Rádio”. *Cultura Política* 1(1):293-295, Mar. 1941.

SOBOUL, A. “Descrição e medida em história social”. In. *A história social*. Lisboa: Cosmos, 1973, p. 25-52.

ANEXO

Script do Programa *Honra ao Mérito*, transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro no dia 13 de novembro de 1949, em homenagem a Vital Brazil

Enfatizou-se neste artigo a produção textual de Paulo Roberto, concedendo-se pouco destaque ao tratamento sonoro que ficou à cargo do oboísta e regente paulista Alberto Lazzoli. Basta que se indique que o programa teve seu início e sua finalização marcados pela vinheta sonora do Repórter Esso e que as músicas e sons incidentais empregados no acampanhamento do *script* tinham como função enfatizar os sentimentos explorados pela dramatização, especialmente os de compaixão, tensão e glória. Para além da locutor e narrador, não há indicações sobre a identidade dos radioatores que atuaram na dramatização da biografia.

Track 01 (1:44')

<Locutor: Heron Domingues> *Standard Oil Company of Brazil*, a Organização Esso do Brasil, pela onda da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, apresenta... Honra ao Mérito!

<Loc.> Este programa, ouvinte, tem duas finalidades principais: revelar um herói brasileiro vivo e marcar com este herói a grandeza de um exemplo. Na guerra ou na paz, nos laboratórios e nas ruas, na vida sacrificada de cada dia ou no instante decisivo do salve-se quem puder, um homem destacado aparece como um facho de luz na sombra ou um barco de salvação na tempestade. A este herói é que desejamos tributar honra ao mérito nesse programa oferecido pela *Standard Oil Company of Brazil* e apresentado pela Rádio Nacional, com ilustrações musicais de Alberto Lazzoni e redação de Paulo Roberto.

Track 02 (5:01')

<Narrador: Paulo Roberto> Em 1885, nesta mesma cidade do Rio de Janeiro, em uma das dependências da Câmara dos representantes do povo, uma voz de porteiro indagava, asperamente:

<Porteiro> Que deseja, senhor?

<Vital Brazil> Eu desejava, por favor, falar ao Sr. Deputado Martim Francisco.

<Port.> Faz favor de esperar um pouco.

<VB> Pois não...

<Port.> Vou ver se o deputado deseja recebê-lo. Como é seu nome?

<VB> Eu trago uma carta de apresentação para o Sr. Deputado...

<Port.> Como é o seu nome?

<VB> Vital... Vital Brazil Mineiro da Campanha.

<Port.> O que? Você se chama mesmo assim ou está brincando comigo?

<VB> Não senhor, meu nome é esse mesmo: Vital Brazil Mineiro da Campanha.

<Port.> Ah.... Você quer saber de uma coisa, ô rapaz?

<VB> Sim senhor?!...

<Port.> Você, com esse nome exótico nunca poderá ser nada na vida!

<VB> Eu sei...

<Port.> Isso não é nome que se use... espere um pouco; vou falar com o Deputado... seu Mineiro da Campanha.

<Nar.> Vital Brazil Mineiro da Campanha baixou a cabeça e ficou humildemente à espera do Sr. Deputado, para quem trazia, de São Paulo, uma carta de recomendação e enquanto esperava o representante do povo, um menino do povo que teria 20 anos no máximo, relembrava sua vida passada.

<Nar.> Segundo me contaram, logo que a parteira saiu do quarto anunciando seu nascimento, o pai José Manuel dos Santos, correria para a folhinha: 28 de abril de 1865, dia de São Vidal, em Campanha, estado de Minas, Brasil. O menino se chamaria Vital Brazil Mineiro da Campanha.

<Nar.> E assim foi que...

<Deputado> O que deseja, rapaz?

<Nar.> O rapaz voltou bruscamente dos sonhos. Diante dele estava o Sr. Deputado, S. Exa. o Deputado, o ilustre representante do povo junto à Corte do Sr. D. Pedro II...

<Dep.> Então, o que deseja?

<VB> Sr. Deputado, eu... eu sou mineiro, mas venho de São Paulo e trago ao Sr. essa carta de recomendação...

<Dep.> Ah!...

<VB> Como o Sr. verá pela carta, eu preciso muito que o Sr. me auxilie...

<Dep.> Em que?

<VB> Num emprego, Sr. Deputado...

<Dep.> Está bem, deixe que eu leia a carta!

<VB> Pois não...

<Nar.> Enquanto o Deputado lia a carta, o rapaz lia na cara do deputado. A cara do ilustre homem denunciou desde logo as fraquezas do pistolão.

<Dep.> Vai ser muito difícil. Vocês na província vivem pensando que os empregos aqui na Corte estão sempre à disposição dos representantes do povo, não é?! Isso está bem longe da verdade, não é mesmo?!

<VB> Mas acontece, Sr. Deputado, que eu... eu sou um moço pobre e desejo estudar...

<Dep.> Outro absurdo! Ora essa!

<VB> Absurdo?

<Dep.> Mas é claro! Quem é pobre não deve pensar em estudar!

<Nar.> A palavra do Deputado caiu no coração do rapaz como um estouro de dinamite e arrasou em dois segundos uma velha esperança longamente acalentada.

<Nar.> Filho de uma família pobre, estudara até ali com tremendo esforço. Para estudar fora tipógrafo, trabalhador braçal e condutor de bonde em São Paulo. Chegava ao Rio esperando do Deputado todo-poderoso um impulso para cima e encontrara a brutalidade de um pé que procurava saltá-lo para mais baixo ainda. Vital, diante da frase do Deputado, baixou a cabeça resignado

e retirou-se da sala. Na rua, tirou do bolso mais três cartas de recomendação que trazia; num gesto de aparente desespero, rasgou as cartas em golpes furiosos...

<Nar.> Depois... respirando fundo, olhou o céu. Estaria desanimado o menino Vital? Não! Seus lábios ficaram imóveis e contrídos, mas do fundo do seu coração partiu um grito de revolta:

<VB> Vocês estão enganados! Quem é pobre pode estudar e vencer! E hei de vencer sozinho! Vocês hão de ouvir falar um dia de Vital Brazil!!!

Track 03 (4:25')

<Nar.> Alguns anos mais tarde, levantando a poeira vermelha da estrada, um cavaleiro moço viajava na direção da cidadezinha de Botucatu... Este cavaleiro que aí vai, amigos, é o dr. Vital Brazil Mineiro da Campanha, que segue para o interior em busca de terras e gente abandonada.

<Nar.> Veja, dr. Vital! Aqui por onde o senhor está passando mora o caboclo! Olhe! Lá está ele de cócoras à porta de sua choupana de pau-a-pique. É magro, amarelo e feio; a barba rala só vê navalha em dia de festa de santo. Foi ele que implantou aquela roça que exigiu três capinas. Está vendo aquela picada que vai serpeando pelas terras? Foi ele, com a sola do seu pé descalço quem pisou o mato ralo e desenhou no verde aquele rumo vago que amanhã será uma estrada real. E olhe que ele está sorrindo, dr. Vital Brazil! Sozinho como você sempre esteve, sozinho não, cercado de inimigos: a giárdia é um, a doença é outro e os outros são miséria, ignorância...

<Caipira> Bá tarde, moço!

<Nar.> Veja, dr. Vital Brazil! Esse sertanejo abandonado ao deus-dará da sorte é bem mais amável que o deputado da Corte, não é verdade?! Repare como ele sorri, a falha dos dentes não quebra a bondade daquele sorriso.

<Caip.> Desapeie, moço, que a casa é sua. Pode tomar um cuité de garapa.

<VB> Obrigado amigo, eu aceito sim!

<Nar.> Veio o cuité de garapa. O caldo de cana fresquinho retemperou o ânimo do viajante. O dotô aceitou um tamborete. O sertanejo continua de cócoras, pitando e puxando conversa.

<Caip.> Vai prá longe?

<VB> Eu vou para Botucatú.

<Caip.> Lugarão, sôr doutor; cidade de primeira. Já fui lá uma vez...

<VB> Uma vez, só?!

<Caip> A gente véve aqui pregado que nem erva de passarinho em cima de laranjeira. Só sai diqui, eu só arranquei prá Botucatu foi no ano passado, porque foi causa de muita necessidade.

<VB> Ah!, sim?!>

<Caip.> Foi quando meu menino foi mordido de cobra...

<VB> Mordido de cobra? Mas, salvou-se?

<Caip> Não, dotô... O pobrezinho ficou lá mesmo. A bicha que pegou ele, pegou de jeito e era peçonhenta de verdade. O pobrezinho morreu agoniado de cortar o coração...

<VB> E... o que fizeram para salvar a criança?

<Caip.> Tudo, sôr dotô tudo... Mas eu não fui servido de salvar ele. E Deus sabe o que faz...

<Nar.> Sim, Deus sabe o que faz. Foi ele que ensinou o Dr. Vital Brazil o rumo daquela estrada. Foi ele que deteve o viajante por alguns instantes à porta daquela choupana onde faltava um riso de criança. Sim, foi Deus que fez cair no coração do jovem médico aquelas duas lágrimas quentes que rolaram dos olhos tristes do sertanejo. Do pobre sertanejo cujo filho pequeno morrera mordido de cobra. Vital Brazil olhou a terra imensa do interior e viu um imenso serpentário e no meio dos terríveis ofídios coleantes e ameaçadores, viu também desprotegido e sozinho, os pés plantados na terra, os braços erguidos para o céu, o homem do sertão!

Track 04 (3'40)

<Nar.> Instalando em Botucatu seu modesto consultório, o dr. Vital Brazil começou desde logo a cuidar do problema do ofidismo em nosso país. Na época, isto é, nos fins do século XIX, morriam

em média no Brasil, mordidas de cobra, cerca de 150 pessoas por ano, sendo que mais de 70% dessas mortes ocorriam, naturalmente, entre homens do campo. E de que maneira se defendiam esses pobres homens do campo do terrível veneno das serpentes?

<Nar.> Eis aqui, num apanhado rápido, o cenário de crendices que prevalecia naquele tempo, em todo o interior

<Mulher> Papai João, Pai João! Socorro, Pai João! Uma urutu mordeu meu filho, Pai João! Uma urutu mordeu meu filho... E o que é o que vou fazer, meu Deus do céu?!

<Pai João> Pai João vai tratar de filho de sucê, muié! Vem cá, vem cá...

<Nar.> Pai João Pegava um mordido de cobra e passava um laço no membro atingido, acima da mordedura. O paciente começava então a tomar cachaça, em doses regulares. De vez em quando, Pai João afrouxava um pouco a laçada.

<P.J> Eitá! Passa mais um pouco do veneno do urutu. Pinga de Pai João vai matando o veneno de urutu!

<Nar.> Entorpecido pelo aguardente, o mordido de cobra sorria então a cauterização brutal e desumana. Pai João pegava um tição de fogo e chegava a brasa viva ao ponto da mordedura.

<P.J.> Zifio vai ficar curado e são. Pai João vai botar na mordida da mardita uma lasca de chifre de veado.

<Nar.> Um quadrilátero de chifre de veado era então colocado sobre a ferida.

<P.J.> E agora Pai João vai rezá a mordedura da mardita...

<Nar.> O curandeiro rezava a ferida, ninguém sabe com que palavras mágicas. Depois, benzia também a casa, afugentando dela para sempre as cobras venenosas.

<P.J.> Santana, mãe de Maria... Maria mãe de Jesus... Palavra santa, palavra santa, livre essa casa di cobra di festa... Passarão di nove a oito, di oito a sete, di sete a seis, di seis a cinco, e fica quatro, e caça três, infrenta dois, infrenta uma, inté não fica cobra nenhuma!

Track 05 (1'53)

<Nar.> ... de Vital Brazil estava assim firmado em base de credi-
ces todo um monumento de erros e falsidades. Cabia ao jovem médico
de 1888 derrubar todas essas mentiras e reformar toda essa terapêutica
fanática, selvagem e inteiramente ineficaz. Era preciso recorrer à medi-
cina científica. Mas que fazia, na época, a ciência médica?

<Nar.> A mordedura de cobra era tratada com injeções de per-
manganato de potássio, um tratamento sem nenhum valor para
mordeduras realmente perigosas. Mas não haveria no mundo al-
guém que tivesse tentado ou estivesse tentando resolver o problema
por outras maneiras? Havia sim: Calmette, grande médico francês,
estava estudando a naja, perigosa cobra indiana, e tentando as pri-
meiras experiências com soros coletivos.

<Nar.> Aqui, perdido na cidade de Botucatu, estava Vital Bra-
zil, para enfrentar em lugar de najas indianas, a cascavel, a jarara-
ca, a surucucu, a urutu e muitas outras serpentes venenosas. Vital
Brazil viu desde logo que tudo estava por fazer. Era preciso partir
do quilômetro zero!

<Nar.> Nessa altura dos acontecimentos, Vital Brazil, que é
hoje a maior autoridade em ofidismo em todo continente, e um
nome citado com respeito em todo mundo, Vital Brazil, dizia eu,
não tinha ainda visto de perto nenhuma cobra! Mas encomendou e
recebeu das mãos de um caipira a primeira de uma série de milhares
que ele iria estudar mais tarde.

Track 06 (1:41)

<Nar.> O contato com as primeiras serpentes venenosas, cau-
sou ao corajoso moço de 1888 uma sensação de profunda repulsa,
de quase pavor.

<Nar.> Se eu estivesse junto a Vital Brazil, naquelas primeiras
experiências em Botucatu, por certo que lhe diria, vendo o réptil
apavorante golear sobre a mesa de ensaio: Cuidado doutor! Pense
também um pouco na sua própria vida! Cuidado porque ela vai dar
o bote!

<Testemunha> Ela se atirou contra suas mãos!

<T.> De que maneira pretende apanhá-la, doutor?

<VB> Imaginei apanhá-la na ponta deste laço!

<T.> Mas... e... esse processo dará resultado?

<VB> Não sei, ainda não sei de nada... Veja! Apanhei a serpente no laço!

<VB> Agora que ela está furiosa, deseja morder, certamente!

<T.> E vai morder!

<VB> Morderá esse pedaço de algodão! Depois... espremerei o algodão e examinarei o veneno, depois...

<T.> E depois, doutor?...

<VB> Analisado o veneno, hei de encontrar, se Deus quiser, o contraveneno específico, o soro, o soro específico!

<Nar.> Com as presas longas cravadas no pedaço de algodão, a cobra se debatia na ponta do laço. A serpente do Brasil entrava em luta pela primeira vez com o homem que o destino assinalara para vencê-la!

Track 07 (3:42')

<Nar.> Alguns anos mais tarde, este modesto médico mineiro, trabalhando no interior paulista como sanitaria do Estado, e em circunstâncias especiais, fazia parte do grupo de fundadores do Instituto Butantan, que é hoje um dos mais legítimos orgulhos da ciência em nosso país. Ali, em Butantan, ele cuidava do seu perigoso rebanho de serpentes, sapos venenosos como o entanha, e aranhas virulentas e escorpiões de cauda agressiva e terrível. E Butantan começou a produzir além do soro contra peste bubônica, para que fora criado, as primeiras remessas de soro antiofídico realizadas no continente.

<Nar.> Mas, quantos acreditavam na eficácia desses soros? Muito poucos. Tanto assim que, quando em princípio do século se reuniu no Rio de Janeiro um grande congresso médico, Vital Brazil foi informado pelas autoridades paulistas da seguinte determinação:

<Autoridade paulista> O Governo de São Paulo não pode, por

enquanto, concordar em que V.Sa. se apresente no congresso como representante do Estado. Qualquer demonstração científica a ser feita, só o será sob sua inteira e exclusiva responsabilidade.

<Nar.> Mas, apesar da nenhuma confiança demonstrada pelo governo paulista, Vital Brazil veio. Veio trazendo cobras venenosas e soros específicos. Requereu um dia especial para a comunicação; esse dia lhe foi concedido. O jovem médico das cobras foi visto então como um espetáculo! Tal como aconteceu a Pasteur, Vital Brazil ia enfrentar sozinho a desconfiança e a ironia de centenas de colegas!

<VB> Senhores meus colegas, vou extrair desta perigosa cascavel, a *Crotalus terrificus*, o veneno que se contém nas suas glândulas.

<VB> A compressão do maxilar superior da serpente sobre esse rebordo de vidro esvazia as bolsas do veneno que jorrou, como se pode verificar, para a célula de vidro. A cobra já não é mais necessária, senhores colegas, retiremos a cascavel de cena. Reparem agora, nestes quatro pombos de peso igual e da mesma idade. Todos os quatro pombos receberão a inoculação igual do veneno da cascavel. Serão quatro doses mortíferas mas, dois desses pombos receberão também, logo após a picada do veneno, uma dose de soro anticrotálico específico. Os que não tomarem o soro, senhores colegas, estão condenados à morte. Vamos fazer as injeções. Dentro de algumas horas, voltaremos a este recinto, que permanecerá vigiado, para sabermos o resultado dessa experiência do mais alto valor para mim, para o Brasil, para o mundo!

Track 08 (3:34')

<Nar.> Horas mais tarde, centenas de médicos do congresso retornavam ansiosos ao recinto das experiências. E as vozes se elevaram zombeteiras e cruéis.

<Congressista 1> Vejam, vejam, os pombos estão mortos!

<Cong. 2> Sim, não há dúvida!

<Cong. 1> Morreram todos os quatro!

< Cong. 3> O soro de Vital Brazil falhou como eu previ!

<Nar.> Ouvindo o sussurro de vozes que o condenavam, Vital Brazil avançou pela sala, profundamente chocado. De fato, lá sobre a mesa de experiências, os quatro pombos estavam imóveis, amontoados uns sobre os outros. Vital Brazil caminhou para eles; os olhos fixos, a respiração ofegante e dentro do silêncio emocionado da platéia de médicos, agitou como um louco os braços, gritando para os pássaros:

<VB> Ei!!!

<Nar.> Dois dos quatro pombos, acordados do sono, voaram por sobre a platéia de médicos e uma salva de palmas encheu de festa o recinto. O soro de Vital Brazil acabava de ter uma confirmação pública, espetacular e comovente. Honra ao mérito!

<Nar.> Vital Brazil Mineiro da Campanha é o nome definitivamente ligado à ciência universal. E vejam que ele viveu perigosamente. Combateu a peste bubônica em Santos em fins do século passado; contraiu em serviço o mal terrível... e salvou-se! Ajudou Oswaldo Cruz a combater a febre amarela no Rio; contraiu a febre amarela... e salvou-se! Fez campanhas sanitárias perigosas contra o impaludismo, cólera *morbis*, o tifo e continuou firme, lutando! Viveu sempre, desde os 20 anos, entre escorpiões, aranhas de mordedura mortal e sapos para cujo veneno não foi ainda descoberto o soro eficiente. Extraiu de jararacas e cascavéis veneno o bastante para matar 500 homens, mas o Deus dos pesquisadores pôs um anjo da guarda seguindo sua figura de apóstolo. Vital Brazil tem hoje 84 anos; tem sua esposa e seus 16 filhos, seus 35 netos. Dirige o grande laboratório que tem o seu nome e, convalescente de uma enfermidade recente, falará dentro de poucos instantes, de sua residência para os ouvintes da Rádio Nacional. Esse sábio que veio das camadas mais humildes do povo, esse heróico batalhador pela causa da saúde pública, esse vitorioso na ciência e na vida, merece que lhe seja tributada Honra ao Mérito!

Track 09 (1:37')

<Nar.> ... seu filho, Ícaro Vital Brazil, o professor Vital Brazil,

orgulho da ciência brasileira, receberá nesse momento, oferecidos pela *Standard Oil Company of Brazil*, o diploma e a medalha de honra ao mérito.

<Coro> “Honra ao Mérito, salva a vós.

Viver em tua voz, enaltecer

Honra ao mérito, salvador

o seu nome está em toda a nação

e no amor do nosso coração.

Honra ao Mérito”

<Nar.> E agora, falando diretamente de sua residência, na rua Marquês de Abrantes, o venerável e heróico cientista, prof. Vital Brazil:

Track 10 (1:48’)

<Voz de Vital Brazil> Ouvi do meu leito de convalescente a irradiação desse programa que apresentou uma síntese da minha vida. Não me julgo nenhum herói, fiz uma parte do muito que gostaria de fazer pela Humanidade. Não tenho orgulho de minha pobre ciência, mas estou satisfeito com minha alma e o meu coração. Para uma alma bem formada, não há como fazer bem aos outros e o bem que consegui fazer é que conforta e tranquiliza meu velho coração. Obrigado, amigos.

<Loc.> A *Standard Oil Company of Brazil*, a Organização Esso do Brasil, acaba de apresentar pela onda da Rádio Nacional, com ilustrações musicais de Alberto Lazzoni e redação de Paulo Roberto, o seu programa Honra ao Mérito, que homenageou hoje a figura exemplar de um grande e sacrificado cientista, o professor Vital Brazil. Esse programa voltará ao ar na próxima quarta-feira, neste mesmo horário, e mantendo sempre essa mesma característica: tributar honra ao mérito!